

## **AS NOVAS FACES DA INFORMALIDADE: OS TRABALHADORES CAMELÔS NA CIDADE DE PELOTAS-RS E O ADVENTO DOS SHOPPINGS POPULARES**

ÁUREO LUIZ DA ROCHA<sup>1</sup>; FRANCISCO BECKENKAMP VARGAS

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas - aureodarocha@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas - fvargas@via-rs.net

### **1. INTRODUÇÃO**

O trabalho informal associado a sua precarização tem assumido uma grande importância nos estudos sociológicos, em particular na sociologia do trabalho. O estudo tem como objetivo compreender o fenômeno da informalidade como um produto do desemprego e das relações não assalariadas, tendo como objeto de investigação o trabalho informal camelô como uma forma genuína da construção de uma identidade profissional diante da flexibilização do trabalho e a sua possível institucionalização precária através dos empreendimentos denominados *Shoppings Populares*.

A informalidade refere-se às transformações ocorridas no mundo do trabalho, em particular a partir dos anos 70 relacionadas às transformações do sistema capitalista e as mudanças ocorridas no cenário internacional. Desta forma, a informalidade incorpora formas alternativas de trabalho, atípicas em relação ao trabalho assalariado.

Nos anos 80 e 90 a informalidade aumentou nas medias e grandes cidades brasileiras, em virtude do contexto econômico e político nacional em virtude da reestruturação produtiva que modificou as relações de trabalho no país.

A partir dos anos 2000, com a estabilização econômica e o crescimento do trabalho formal, percebe-se um novo quadro de transformações no mundo do trabalho colocando uma dificuldade ainda maior de definir um conceito para a informalidade, pois os trabalhadores informais de hoje assumem uma forma atípica em relação as décadas de 1970 e 80, porém permanecendo a tendência a precarização e a desregulamentação das relações de trabalho.

O Estado Rio Grande do Sul sofreu também fortes conseqüências, principalmente a região de sul do Estado. A cidade de Pelotas que no final do século XVIII e ao longo XIX viveu seu apogeu com a “empresa charqueadora”, ocupando lugar central na economia gaúcha, nos primeiros anos do século XX começou a apresentar sinais de decadência no setor saladeiro.

Esses trabalhadores em sua maioria (qualificados ou não) com o declínio principalmente, do setor de conservas acabaram perdendo seus empregos restando apenas o comércio e os serviços públicos como mercado de trabalho.

O antigo Camelódromo de Pelotas situava-se no entorno do Mercado Público Central que compõe o atual Centro Histórico da cidade, onde esses trabalhadores foram retirados após um longo processo de negociações e tensões de ambos os lados (poder público municipal *versus* camelôs)<sup>1</sup>.

A ideia da construção de um *shopping* popular teve sua origem ainda no final dos anos 90, porém após um longo processo de discussões e tensões entre o poder público e os camelôs foi colocada em prática no final de 2010 um grande projeto com parceira público privada para a construção e gestão do *Shopping Popular* de Pelotas.

<sup>1</sup> Jornal *Diário Popular*, Pelotas-RS, 22 Jul 97, p.2.

## 2. METODOLOGIA

O aspecto que torna importante e complexa a pesquisa proposta, é a vinculação que se procura estabelecer entre fenômenos estruturais e conjunturais aos sentidos do reconhecimento de uma profissão que busca uma afirmação identitária profissional junto à sociedade a qual esta inserida enquanto sujeito histórico. Desta forma destacam BOURDIEU; CHAMBOREDON E PASSERON (2010, p. 19) que os “procedimentos que instauram o rigor surgem como respostas a perguntas que não sabemos formular *a priori*, que somente o desenvolvimento da ciência faz emergir”.

Em termos teóricos, quanto à construção metodológica definimos que o método que ordena esta pesquisa insere-se numa perspectiva teórica compreensiva e “construtivista” própria às “novas sociologias” (CORCUFF, 1995) e que entende a realidade como um sistema de relações sobre o qual se pode construir um saber que procura “apreender indivíduos plurais, produtos e produtores de relações sociais variadas” (p. 16).

A consulta a documentos disponíveis e jornais locais constituem elementos importantes para a análise. Portanto em termos empíricos à realização de entrevistas individuais e semi-diretivas com os atores envolvidos em específico os camelôs, busca reconstruir, a partir do discurso dos entrevistados, a sua trajetória profissional, a representação que eles têm de seu ambiente de trabalho e de sua profissão, bem como sua posição em relação a sua realocação no empreendimento denominado *Shopping Popular*.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados até o momento encontrados mostram um novo contexto relacionando Pelotas com a crise do estado brasileiro dos anos 80 e 90 e atualmente a necessidade dos órgãos públicos retomarem o controle sobre o espaço público, bem como dar nova “coloração” as atividades informais de certa forma institucionalizando uma profissão – camelô até mesmo não sendo considerada uma forma de ocupação profissional.

Estes trabalhadores através de manifestações públicas ou por intermédio de sua associação parecem lutar por um reconhecimento profissional tentando manter seu local de trabalho alegando a intransigência e coercitividade por parte dos órgãos públicos responsáveis. Resta no decorrer da pesquisa, compreender como os camelôs se vêem enquanto trabalhadores e se realmente ocorre precarização do trabalho nesta atividade e como se processa a visão de pequeno empresário e empreendedorismo para estes trabalhadores.

O camelô, um pequeno revendedor de mercadorias, ou até mesmo produtor das mesmas, faz parte do chamado setor informal, juntamente com os trabalhadores autônomos em geral, estando ou não submetidos ao controle legislativo.

A categoria do informal, segundo CANCLINI (2003), que nasceu como designação residual para o que escapava da sociedade formalmente organizada, ampliou-se até abarcar setores tão heterogêneos como as pequenas empresas e os comércios locais ilegais, os vendedores ambulantes, as crianças e adolescentes que oferecem serviços ou mercadorias nas esquinas, músicos no metrô, catadores de papel e recicladores de lixo, artesãos não sindicalizados (ou seja, a maioria, e muitas outras categorias de trabalhadores que atuam em grupos familiares ou em redes que “organizam” os circuitos “legítimos” da vida social.

O trabalho camelô assume essas feições, considerando as fundamentações teóricas relacionadas a situação de vulnerabilidade e ilegalidade que se encontram

esses trabalhadores, bem como as alternativas de sobrevivência/estratégias que desenvolvem e as variações identitárias que poderão passar na tentativa de exercer uma atividade laboriosa que de forma mascarada induza a formalidade mesmo que sem nenhum incentivo/benefício ou proteção social por parte do Estado.

Neste sentido os trabalhos de CASTEL (2011) parecem nos auxiliar a entendermos o fenômeno da informalidade considerando nesse viés o emprego como o trabalho socialmente protegido estando sob condições de assalariamento. No caso da informalidade ocorre uma precarização da vida do trabalhador devido às formas e relações flexíveis que se estabeleceram e condicionam o trabalhador a sujeitar-se a um novo perfil e a ocupações instáveis, bem como o Estado buscar políticas de acesso para a inserção destes trabalhadores ou mesmo a institucionalização de novas ocupações. O autor utiliza o conceito de “desfiliação” - exclusão do mundo do trabalho e isolamento social - para designar os novos excluídos do contrato social.

Sendo que a precarização está no centro do debate sobre o trabalho, comparando-a com o fenômeno da pauperização do trabalho sendo âmbito da nova questão social. Assim, ele distingue três fases desse processo, que são: a desestabilização dos estáveis, a instalação na precariedade e, o que ele chama de *déficit* de lugares, mostrando que existe um perfil de populações que são “inúteis para o mundo”, ou seja, ocupam uma posição de supranumerários e assegura que para esse nicho de desempregados “a identidade pelo trabalho está perdida” (CASTEL, 2011, p. 531).

No caso do Brasil, em sua análise Vargas (2012) propõe que a noção de precariedade no trabalho está diretamente relacionada a informalidade enfocando a heterogeneidade estrutural como traço fundamental da sociedade e da economia brasileira convivendo formas e relações de trabalho muito diversas, corroborando não apenas um problema social ligado à “desfiliação”, conforme sugere Castel, mas um problema igualmente decisivo de “periferização” de vastas camadas colocadas às margens do desenvolvimento econômico e social” (VARGAS, 2012, p. 9).

Outro aspecto importante na pesquisa é a questão das vivências/experiências individuais e/coletivas que estes trabalhadores constroem ao exercer uma atividade considerada informal, marginal e que nitidamente é exercida de forma precária.

Ao operacionalizar o conceito de identidade quando se trata de questionar o mundo do trabalho sendo a modernidade como sinônimo de identificação a um coletivo, Hoje, a redefinição do conceito acentua o problema da especificidade e da diferença na construção do indivíduo e na transformação da sociedade em campos diversificados (político, sociológico, psicológico e antropológico).

Dubar (2005) coloca a hipótese de que as identidades sociais se constroem na articulação entre os sistemas de ação e as trajetórias vividas pelos indivíduos, entre o que ele caracteriza como “um eixo relacional e um eixo biográfico. Essa transação, concebida como uma negociação identitária, pode pois definir-se como um processo de criação conjunta de identidades novas” (p. 63).

A identidade é resultado de dois processos opostos: um processo de atribuição e um processo de incorporação.

#### 4. CONCLUSÕES

No Rio Grande do Sul, o quadro de precarização/flexibilização desenhado nos anos 80 e 90 foi semelhante ao restante do país oscilando de acordo com as mesorregiões do estado. As regiões com maior dinâmica industrial foram afetadas

de forma diferenciada. Porém as que tiveram como base econômica a agroindústria o impacto por ter sido maior comprometeu toda a estrutura do emprego, gerando a falta deste e a migração desta mão-de-obra na maioria das vezes pouco qualificada para o setor da informalidade gerando a precarização.

No caso específico da cidade de Pelotas que em outros tempos possuiu uma economia forte e dinâmica acabou dando lugar a falta de emprego com o fechamento de um grande número de indústrias dependentes do setor agroindustrial (indústria de conservas) levando esses trabalhadores a buscar na informalidade uma forma de sobrevivência.

Os resultados obtidos até este momento indicam que se estabeleceu uma relação conflituosa com o poder público e os segmentos da economia privada formal, sendo que no final dos anos noventa foi construído pela prefeitura municipal de Pelotas um local específico para esses comerciantes denominado "camelódromo".

Em meados de 2010 nova crise ocorre gerando grandes manifestações por parte dos camelôs envolvendo também o poder legislativo e o judiciário. Por fim, a prefeitura municipal recorreu a uma iniciativa público privada e realocou esses trabalhadores em um local comum, afim de recuperar o espaço público ocupado de forma desordenada por estes trabalhadores e como forma de ampliar a capacidade de fiscalização, diante de um quadro de comércio dito ilegal.

Assim, a alternativa do denominado *Shopping Popular* parece estar modificando o perfil destes trabalhadores assumindo um caráter profissional que mascara uma possível formalidade, mas que não isenta esta tentativa de busca de reconhecimento profissional e ressignificação de identidade de apresentar elementos de institucionalizar uma forma precária de trabalho considerando o estatuto do emprego e sua rede de proteção social.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, Pierre; CHAMBEREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de Sociólogo**: Metodologia da pesquisa na sociologia. 7. ed. Traduzido por Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.
- CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. 5. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.
- CORCUFF, Philippe. **As novas sociologias**: construções da realidade social. Traduzido por Viviane Ribeiro. Bauru-SP: EDUSC, 2001. 206 p.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Megalópolis desconstruídas y reinventadas**. In: SIMPÓSIO A INVENÇÃO DAS CIDADES NA AMÉRICA LATINA, 2003, Brasília. Anais... Brasília, 2003.
- DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Traduzido por Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- VARGAS, Francisco. **Trabalho, emprego e precariedade: os contornos incertos de um objeto**. In: III Encontro Internacional de Ciências Sociais, 2012, Pelotas. Anais do III Encontro Internacional de Ciências Sociais: Crise e emergência de novas dinâmicas sociais. Pelotas - RS: Editora Universitária, 2012.

## JORNAIS IMPRESSOS

Jornal *Diário Popular*, Pelotas-RS, 22 Jul 97, p.11.